

A CRISE ESTRUTURAL E A CONJUNTURA NO COMPLEXO TÊXTIL BRASILEIRO¹

José Sidnei Gonçalves²

Nos últimos anos, a disponibilidade mundial de algodão tem superado o consumo, gerando grandes excedentes e manutenção de estoques (com predominância de fibras curtas até 32 mm), que se refletem numa certa rigidez para cima dos preços dessa fibra. As cotações médias das exportações das matérias-primas se mantêm baixas, a despeito da nova geração de máquinas de fiação e tecelagem, que estão sendo adotadas em importantes países produtores de têxteis, como o Japão, que, para apresentarem um alto rendimento industrial exigem melhor qualidade de fibra em termos de comprimento e resistência. Esse mercado segmenta-se rapidamente e países produtores de fibras longas (acima de 34 mm) ganham mercado com o encalhe de reservas de fibras curtas (Tabela 1).

O impacto desse quadro na produção brasileira é notório, sendo que, de tradicional exportador de matéria-prima, o País passou a importador para abastecer suas indústrias têxteis. A previsão inicial de importar 250 mil toneladas em 1993 é superior às 150 mil do ano anterior (Tabela 2).

Do lado da produção de matéria-prima, a despeito de ter sido uma das culturas, no Brasil, com um dos maiores índices de incorporação de inovações tecnológicas, persistem problemas profundos. Em que pese o enorme esforço no aumento da qualidade da fibra, realizado por décadas de melhoramento genético, o perfil do algodão nacional ainda é predominantemente de fibras curtas em comparação ao padrão exigido pelo mercado internacional.

Além disso, não se formou no complexo têxtil brasileiro uma organização capaz de ensejar a definição de um projeto setorial orgânico, não só porque são enormes os

antagonismos dos vários segmentos envolvidos como, também, faltou uma presença decisiva do Estado na soldagem dos grupos de interesses, forjando o equacionamento dos conflitos em nome de uma ótica maior. Desse modo, persiste uma tendência de distanciamento nas perspectivas dos vários elos ligados à cadeia produtiva. O exemplo mais flagrante é a incapacidade das câmaras setoriais de obterem um consenso em torno de medidas básicas para sua própria sobrevivência.

A indústria têxtil nacional, a partir de 1990, passou por um amplo processo de modernização, introduzindo novas máquinas cujo rendimento industrial para ser satisfatório exige fibras mais longas e resistentes que as produzidas no Brasil. Assim, para melhorar seu desempenho, as indústrias passaram a importar matéria-prima para misturar com a nacional. A existência de excedente no nível mundial tem permitido à indústria têxtil brasileira importar matéria-prima e exportar seus produtos de forma competitiva. Cria-se, assim, a falsa impressão de que essa possibilidade de abastecimento se sustentará no tempo e, com a redução das barreiras tarifárias, pressiona-se ainda mais a produção nacional. No entanto, os excedentes tendem a se reduzir com o controle, já em andamento, da produção em alguns países como os Estados Unidos e essa perspectiva conduzirá a uma recuperação dos preços a médio prazo, gravando, assim, a indústria nacional. Isso porque a capacidade estrutural interna de produção de algodão estaria deficiente, pois não foi aberto um horizonte de recuperação e reorganização a médio prazo.

Ao contrário, são desmontados os mecanismos estatais de regulação que propiciaram o alavancamento do rendimento da

¹Recebido em 26/01/93. Liberado para publicação em 18/03/93.

²Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola. *Informações Econômicas*, SP, v.23, n.02, fev. 1993.

cultura, consubstanciados nas normas de condução da lavoura, monopólio da semente e outros procedimentos fitossanitários. Não se

trata de defender pura e simplesmente como eterno um determinado perfil de intervenção estatal, mas de

TABELA 1 - Quadro Mundial de Suprimento de Algodão, 1980/81 a 1992/93

(em 1.000 toneladas)

Ano	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento ¹	Consumo	Excedente ¹	Exportação	Estoque final ¹
1980/81	5.152	13.344	4.499	23.495	14.181	9.314	4.366	4.943
1981/82	4.948	15.059	4.393	24.400	14.109	10.291	4.434	5.357
1982/83	5.857	14.365	4.308	24.530	14.432	10.098	4.265	5.833
1983/84	5.833	14.470	4.628	24.931	14.664	10.267	4.293	5.974
1984/85	5.974	19.239	4.620	29.833	15.112	14.721	4.522	10.199
1985/86	10.199	17.386	4.779	32.364	16.568	15.796	4.426	11.370
1986/87	11.370	15.264	5.554	32.188	18.252	13.936	5.732	8.204
1987/88	8.204	17.657	5.120	30.981	18.178	12.803	5.084	7.719
1988/89	7.719	18.336	5.725	31.780	18.529	13.251	5.698	7.553
1989/90	7.553	17.387	5.524	30.464	18.798	11.666	5.234	6.432
1990/91	6.432	19.015	5.320	30.767	18.634	12.133	5.009	7.124
1991/92 ²	7.124	20.805	6.383	34.312	18.688	15.624	6.328	9.296
1992/93 ³	9.296	20.101	6.290	35.687	19.372	16.315	6.290	10.025

¹Dados calculados.

²Estimativa.

³Projeção.

Fonte: Cotton World Statistics - Relatórios de abril/92.

denunciar a forma como se dá a desmontagem desse aparato e, pior que isso, sem um projeto nacional claro para o setor, apenas entrando na onda do modismo "desregulacionista" que toma conta de segmentos da sociedade brasileira. Se no caso da cotonicultura, a estrutura de regulação está arcaica, e certamente ela está, trata-se de estudar qual o perfil proposto para esse setor estratégico e quais instrumentos deverão ser utilizados nesse projeto e adotá-los à medida em que se avança na sua implementação.

A parte agrícola do complexo têxtil nacional exige um esforço de geração de tecnologia bastante amplo, no que se destaca a introdução de variedades com maior qualidade de fibras para torná-la

compatível com o padrão tecnológico da estrutura industrial moderna. Portanto, é preciso repensar a parceria histórica entre o setor público e o privado no complexo têxtil, não para sucateá-la, mas para recolocá-la num patamar mais elevado. Trata-se de segmento estratégico não só para a população urbana, assolada pelos custos do vestuário, como a produção da principal matéria-prima, o algodão, tem um papel crucial na composição do emprego rural e, portanto, cumpre estratégica função social.

A crise conjuntural, na safra atual (1992/93), tem raízes no problema estrutural em que está imersa a cotonicultura brasileira, visto que inverteu-se radicalmente o sentido da formação de preços e isso

deve se acirrar com o progressivo desmonte das barreiras à importação, particularmente de produto originário de países do MERCOSUL. Além disso, dada a qualidade das fibras dos estoques mundiais e o

volume dessas reservas, as opções de fontes de importação são enormes com preços menores face à redução da proteção efetiva.

TABELA 2 - Quadro Mundial de Suprimento de Algodão no Brasil, 1980-92¹

(em 1.000 toneladas)

Ano	Estoque inicial quantidade	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Excedente	Exportação	Estoque final
1980	118,0	577,0	-	695,0	572,0	123,0	9,0	114,0
1981	114,0	594,4	2,0	710,4	561,0	149,4	30,8	118,6
1982	118,6	680,5	-	799,1	580,6	218,5	56,5	162,0
1983	162,0	586,3	2,4	750,7	556,7	194,0	180,2	13,8
1984	13,8	674,5	7,8	696,1	555,2	140,9	32,3	108,6
1985	108,6	968,8	20,5	1.097,9	631,4	466,5	86,6	279,9
1986	379,9	793,4	67,4	1.240,7	736,6	504,1	36,6	467,5
1987	467,5	633,4	30,8	1.130,9	774,8	356,1	174,0	182,1
1988	182,1	863,6	81,0	1.126,7	812,0	314,7	35,0	279,7
1989	279,7	709,3	130,0	1.119,0	859,0	260,0	160,0	100,0
1990	100,0	665,7	85,2	850,9	715,0	135,9	110,0	25,9
1991	25,9	717,0	150,0	892,9	700,0	192,9	130,0	62,9
1992 ²	62,9	653,8	150,0	866,7	720,0	146,7	90,0	56,7

¹Volumes em 01/03 de cada ano.

²Estimativa (ponto médio do intervalo).

Fonte: Dados da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), junho/92.

A posição de importador de matéria-prima, comumente de melhor qualidade, faz com que o preço externo pressione o preço interno, e caso não haja uma política de produção, dificilmente os cotonicultores brasileiros terão forças para alavancar a atividade. A integração vertical é reduzida e cresce a descolagem de interesses entre os industriais e os lavradores. Esse fosso está se ampliando e ameaça engolir todo o esforço nacional já realizado e exige uma nova postura do Estado, de caráter estrutural e não com medidas de curto prazo.

A conjuntura atual tem elementos reveladores da magnitude da problemática. A safra paulista, em levantamento do Instituto de Economia Agrícola

(IEA), de novembro de 1992, já mostrava uma redução na área de 30,4% (219 mil hectares em 1991/92 para 152 mil em 1992/93), e uma produção estimada de 273 mil toneladas (redução de 18,5%), isso porque esperava-se um rendimento crescente de 1.536 para 1.798 kg/ha (+17,1%).

O desdobramento da safra, contudo, reduziu consideravelmente essas expectativas, pois um veranico no final do ano reduziu a carga da planta e as chuvas de duas semanas em meados de fevereiro prejudicaram a qualidade do produto e provocaram perdas de maçãs já abertas. Desse modo, a produtividade média deve ser menor ou no máximo igual a do ano anterior, reduzindo ainda mais a produção. No

Estado do Paraná, principal produtor nacional de algodão, a queda de safra apresenta tendência semelhante, ou seja, uma redução de área de 554,8 mil para 380 mil hectares, acompanhada de uma produtividade no limite igual a do ano passado.

Os preços recebidos pelos produtores, apesar de situarem-se em torno de US\$7,64 em fevereiro de 1993, nível correspondente a 68% superior ao do ano anterior, enfrentam o mesmo perigo que na colheita passada, quando o Governo Federal não garantiu os preços mínimos estabelecidos, deixando de suprir recursos e postergando a divulgação das regras para a comercialização da safra para quando os agricultores já haviam vendido o produto a preços muito inferiores ao mínimo. Posteriormente, não se executaram medidas para escoar o pequeno estoque restante.

Os preços internacionais estão estabilizados e a possibilidade de importar funciona como freio ao aumento dos preços recebidos internamente. Portanto, as perdas para o cotonicultor poderão ser expressivas. Para piorar o quadro, com a retirada da obrigatoriedade do seguro, atendendo pleito dos próprios agricultores, muitos não o fizeram, principalmente pequenos e médios, além de arrendatários tradicionais plantadores no extremo oeste do Estado e terão, assim, de arcar com os prejuízos, aprofundando o problema social.

A persistência de preços não remuneradores é um obstáculo à exigida modernização da produção que, por não atender aos requisitos de qualidade da moderna indústria têxtil, fica numa encruzilhada que pode cingi-la inexoravelmente ao sucateamento. A saída implica, é preciso frisar, no reordenamento estrutural e das relações do complexo têxtil como um todo. No Nordeste, ainda que a Região seja hoje pouco expressiva no suprimento nacional, a ação estatal em parceria com as indústrias parece reverter a tendência à queda da atividade com a consolidação de medidas de estímulo à cultura, fazendo crescer a área plantada de algodão herbáceo. O Centro-Sul ainda aguarda medidas, e São Paulo tem tradição na pesquisa de melhoramento do algodão e em políticas de apoio ao setor.

